



# O Pensar Desenho: Reflexões Culturais e Interdisciplinares

## O DESENHO DA CARRANCA E SEUS SIGNIFICADOS

Rosélia Sampaio de Miranda  
UEFS – PPGDCI, Departamento de Letra e Artes  
roseliasampaio@gmail.com

### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a simbologia da imagem da Carranca e de uma variedade de personagens folclóricos que habita o Rio São Francisco, bem como suas respectivas influências imagéticas na vida do povo ribeirinho. Estudamos a escultura, suas influências e contribuições para o reconhecimento da cultura visual de um povo. A nossa abordagem está fundamentada no estudo das personagens relacionadas a este amuleto, envolvendo as mais variadas nuances expressivas e interpretações dessa escultura imagética dos ribeirinhos.

**Palavras-chave:** Carranca; imagem; desenho; signo e significado.

### Abstract

The present work aims to present the symbolism of the figurehead image, and a variety of folk characters that inhabit the São Francisco River with their respective imaginary influences in the life of the riverside people. We study the sculpture, its influences and contributions to the recognition of the visual culture of a group of people. Our approach is based on the study of the characters related to this amulet, population involving the most expressive nuances and interpretations of this image sculpture of the riverine.

**Keywords:** Figurehead, Image, Drawing, Sign and Meaning.

## 1 Introdução

O presente artigo aborda a escultura da Carranca e o seu significado imagético na cultura dos povos ribeirinhos do Rio São Francisco. Trata-se de um apanhado sincrético e estético que envolve a escultura, a relação de signo e significado, as influências das Carrancas sanfranciscanas nos costumes e tradições culturais que alimentaram um mundo imaginário repleto de figuras folclóricas, como “Minhocão”,

“Negro d’Água”, “Caboclo-d’Água”, “Mãe d’Água” – seres mitológicos que viravam as embarcações, afogavam os tripulantes e levavam para o fundo do rio toda a mercadoria – histórias seculares que estão desaparecendo ou que teimam em sobreviver.

As Carrancas do Rio São Francisco eram consideradas, a princípio, como esculturas de proa das embarcações. Colocadas na ponta da proa, abriam caminho protegendo a embarcação e os tripulantes, livrando-os de qualquer dificuldade presente no momento da viagem. Consideradas figuras exóticas e assustadoras, com seus signos e significados, as Carrancas saíram do rio e vieram ocupar as casas, recebendo um novo significado, passando a ser entendidas como objetos de proteção e/ou artísticos. Quando colocadas nas proas dos barcos, dizia a crença popular, elas afugentavam os maus espíritos.

Cabeça de Proa era costume dos barraqueiros do Alto S. Francisco colocar em suas embarcações, curiosas figuras, fisionomias leoninas e humanas, entalhadas na madeira e grosseiramente coloridas, a maioria nos espanta. Depositam sua confiança na figura da proa, a qual avisa aos remeiros (CASCUDO, 1984, p. 161).

As Carrancas do São Francisco são comparadas às figuras egípcias, fenícias, indígenas e/ou polinésias, embora a semelhança maior seja com as galeras vikings<sup>1</sup>. Ao visualizar uma Carranca na proa, esta apresenta-se como figura sombria, disforme, zootropomorfa e antropomorfa dotada de uma expressão de ferocidade intrínseca, de generosa juba, que atravessou gerações e se tornou o ícone da região do São Francisco. A literatura mostra que:

As mais conhecidas na Idade Média são oriundas dos *drakkars*, barcos de guerra vikings. Representavam animais fantásticos, assemelhando-se mais comumente a dragões, e também a serpentes e cavalos. Essas figuras eram geralmente móveis, sendo retiradas quando os barcos aportavam em cidades amigas, para não impressionar seus habitantes, ou como prova de que a viagem era de amizade. Daí, há quem julgue que uma de suas funções era a de atemorizar o inimigo (PARDAL, 1981, p. 32).

O autor Paulo Pardal (1981) diz que as autênticas Carrancas eram esculpidas no vale do Rio São Francisco com características meio humanas e meio animais, surgindo posteriormente outros modelos mais sofisticados. Apareceram com os primeiros navegantes do rio e sua origem data no final do século XIX, aproximadamente por volta do ano de 1911. Até hoje não se tem uma definição concreta sobre a origem da Carranca, mas os estudos mostram as influências dos

---

<sup>1</sup>Conhecidas pelo nome de *Drakka*, uma referência portuguesa a navio-dragão, que tinham como principal característica uma cabeça de dragão na proa.

povos que aqui viveram deixando características de sua cultura na peça e contribuindo para sua estética.

A Carranca é o resultado de um cruzamento de influências do imaginário cristão português, notadamente do âmbito dos navegadores e exploradores transposto para o cenário da colonização do sertão, misturados sobremaneira com fortes doses do imaginário africano e ameríndio (LUNA, 2007, p. 01).

Em 1870 “surgem as primeiras Carrancas nas proas de algumas barcas” (MAMMI, 2015, p. 189). O Mestre Guarany fez a sua primeira figura de barca em 1901, foi o pontapé inicial para aquele que viria a ser o maior carranqueiro de todos os tempos. Morreu aos 103 anos. Sua esculturas primitivas eram marcadas pelo vigor e pelo fantástico. O artesão registrou em algumas de suas obras características monstruosas, como os dentes, a língua e a boca escancarada: “consultou revistas, fascículos ilustrados (adorava dinossauros) e até histórias em quadrinhos” (MAMMI, 2015, p. 34).

Seria praticamente impossível ajustar os exemplos disponíveis de Carrancas para a identificação dos personagens mitológicos correspondentes: Minhocão, Surubim-Rei, Bicho d’água, Cachorro d’água, Cavalo d’água, Capetinha, Galo Pret, Angaí, Anhangá, Goajara (os três últimos da fabulação indígena) ou, ainda mais os tantos outros da nomenclatura criada pelo escultor Francisco Biquiba Guarany de sua imaginária: Galacéfalo, Chipam, Medostantheo, Igatoni, Capelobo, Curupema, Aratuy, Salaô, Melozan, Zêzê, Caipora, Pirajá, e outros (sic.) (VALLADARES e PARDAL, 1981, p. 40).

A figura de proa das grandes embarcações vem sendo esquecida, vivendo nos tempos atuais como expressão artística sustentada ainda pela sensibilidade da população ribeirinha e por artesãos que continuam a esculpir as Carrancas. A princípio, sem pretensão e voltada apenas para atender a uma comunidade local, o ideário de perpetuar a arte, reforçado por colecionadores e admiradores dessa arte de produzir Carranca, não se limitou apenas ao rio, mas alcançou novos horizontes e novas formas de interpretação, ultrapassou as fronteiras e atravessou os mares chegando a lugares distantes e inimagináveis.

A criação artística das Carrancas envolve as mais variadas nuances expressivas e interpretações, desde a epistemologia da criação até a metodologia da produção. Esse objeto de estudo foi considerado um amuleto dotado de significados e credences que envolvem a cultura popular. Mesmo esquecida, a figura de proa vem sendo mantida pela sensibilidade da população ribeirinha e por artesãos que, com pretensões

mormente comerciais, continuam a esculpir suas Carrancas, mantendo viva a cultura dos carranqueiros.

Os povos ribeirinhos criaram um imaginário de um rio povoado de personagens com histórias fantásticas, de costumes e crenças. Essas tradições da cultura local são transmitidas por gerações e têm como fonte de inspiração o rio, relacionado ao conhecimento do senso comum. Uma história, entre tantas, conta que a Carranca dá três gemidos para proteger os barqueiros de seres que habitam o rio. Esse é um conhecimento do senso comum fundamentado a partir das crenças dos povos que vivem em torno dessa tradição. Essa história foi disseminada, embora não se saiba ao certo como surgiu; ela foi contada por toda a extensão do rio, às margens sanfranciscanas.

Geertz direcionou sua pesquisa de campo em Antropologia, estudando os aspectos simbólicos da cultura. Este autor diz que o senso comum é “fenômeno presumido, e não analisado” (GEERTZ, 1998, p. 117). Em um dos seus ensaios, “O senso comum como um sistema cultural”, cita sobre a cultura dos povos azande<sup>2</sup> estudado por Evans-Pritchard, dizendo que:

Administram suas atividades econômicas segundo um conjunto de conhecimentos, transmitidos de geração em geração, que abrangem tanto a construção e o artesanato, como a agricultura e a caça. Possuem, portanto, um profundo conhecimento prático dos aspectos da natureza que se relacionam com o seu bem-estar. É bem verdade que este saber é empírico e incompleto, e que não é transmitido através de qualquer ensino sistemático e sim passado de uma geração a outra, de uma forma lenta e casual (GEERTZ, 1998, p. 121).

Tanto os povos azande como tantos outros povos, assim também são os povos ribeirinhos do Rio São Francisco, ou seja, os símbolos característicos da cultura deste povos. A imagem tem uma relação estreita entre o homem e o símbolo, como por exemplo: o rio, os mitos, lendas, causos, a Carranca e toda essa crença simbólica vivenciada às margens do rio.

O significado do termo Carranca é pouco divulgado e sua importância cultural para o nosso país não é muito conhecida. Inicialmente, era considerada escultura de proa das embarcações, com o objetivo de proteger os barqueiros de possíveis perigos fabulosos e fantásticos. Com o passar do tempo, perdeu a função inicial e passou a ser considerada peça artesanal de apreciação e de valor comercial, ou seja, escultura

---

<sup>2</sup> Grupo étnico do norte da África Central.

de arte e objeto de admiração para colecionadores e *marchand*. Já os críticos de arte e pessoas comuns atribuem valor místico à peça. Encontramos no Novo Dicionário de Aurélio Buarque informações sobre a definição do termo Carranca:

**Carranca. 1.** Semblante sombrio, fechado, aspecto de mau humor. **5.** Busto, emblema ou florão que se colocava na proa dos navios a vela, por baixo do gurupés, para ornamentação e, supostamente, para afastar os maus espíritos; figura de proa, cara de pau, leão-de-barca. **6.** Bras. Folcl. Carranca antropomórfica ou zoomórfica que as embarcações do Rio São Francisco ostentavam; cabeça de proa: as Carrancas do Rio São Francisco fazem parte do patrimônio artístico do Brasil (FERREIRA, 1986, p. 357).

As Carrancas têm característica humana ou animal (zooantropomorfas). Os seus traços chamam a atenção pela desproporcionalidade, como grandes orelhas pontudas, olhos esbugalhados, caninos salientes e afiados, boca escancarada enfatizando os dentes e a língua, narinas abertas e uma grande juba. No geral, as figuras de proa são animais e carregam uma expressão de fúria. Embora tais características se assemelhem na maioria das Carrancas, existe uma variação enorme das figuras de barca.

Figuras com bocas enormes abertas mostrando, por vezes, dentes caninos proeminentes com intenção de conotar a agressividade da figura, feroz na ação de proteção da embarcação, o cabo, representa o próprio corpo do animal formado pelo conjunto barco-Carranca, metamorfoseado em animal aquático que desliza pelas águas do rio, sua boca e seus dentes formam o primeiro aspecto dessa força animal e vital. Abrindo a boca, supõe-se um rugido, ou em alguns casos, um canto de aviso aos espíritos malignos da chegada da embarcação, bem como da força que a protege. Os cabelos das Carrancas, em geral, grandes, mas também com predominância da cor negra e lisos ajustam-se mais ao tipo étnico indígena sulamericano do que africano (LUNA, 2007, p. 01).

As cores formam outro aspecto importante: verificam-se as de coloração dourada, sendo as mais comuns as que apresentam o vermelho, o negro e o branco. Estas cores se contrastam e reforçam as ideias expostas pelos olhos, cabelos, boca e dentes desta escultura.

A manutenção das cores das Carrancas está associada diretamente aos efeitos da natureza. Por exemplo, as Carrancas de proa das embarcações assumiam uma coloração desbotada ou descascada com o passar do tempo, devido à exposição ao sol forte da região. Já as que estão nas salas ou nos escritórios mantêm por mais tempo o vigor de suas cores, por estarem abrigadas dos efeitos nocivos do sol e da água do rio (LUNA, 2007, p. 01).

Os aspectos africanos da Carranca aparecem mais ainda quando observamos as que têm cores fortes (como o vermelho e o tom negro) com o fato das formas desproporcionais ou bem proeminentes como é característico das peças em madeira do artesanato antropomórfico africano banto, iourubá e/ou de nação de Angola. Populações ribeirinhas do Rio São Francisco a partir do período da colonização eram de característica negra ou índia, como atestam relatos do Padre Martinho Nantes (séc. XVII), do viajante Sir Richard Burton (1867), de Saint-Hilaire (séc. XIX), entre outros predominantemente de característica negra, até o período anterior à abolição da escravidão, escravos que faziam o serviço de travessia e ligação entre as diferentes cidades (LUNA, 2007, p. 01).

A feitura, o corte da madeira, as cores, as características e os traços da Carranca, enfim, estão relacionados aos desenhos criados no mundo imaginário das pessoas. Os traços e características dialogam com o desenho e com os símbolos. Em sua representação, cada detalhe tem um sentido simbólico: “os termos Linguagem e Desenho se encontram contemplados nas dimensões de representação e significação” (FERREIRA, 2017, p. 21).

## **2 A Carranca e as influências de seres mitológicos**

Os povos ribeirinhos, além de usufruírem do caudaloso Rio São Francisco, alimentam-se também de um rico mundo imaginário repleto de histórias com tradições seculares que estão desaparecendo ou que teimam em sobreviver.

Diz a lenda que o São Francisco nasceu das lágrimas derramadas pela índia Irati. Com saudade do bravo companheiro que foi lutar pela posse da terra contra o homem branco e não voltou mais, Irati sentou em um pedra e chorou dias. De tão grande, sua tristeza deu origem ao Opará, que significa rio-mar, na linguagem indígena (S.O.S. SÃO FRANCISCO, s/d, p. 01).

As margens do Rio São Francisco serviram de cenário para as histórias bonitas que foram passadas de geração em geração, como credices populares que enriqueceram a cultura dos povos ribeirinhos. A história que envolve o “Bicho d’água” diz que ele é um ser que arrasta as pessoas para o fundo do rio. Os afogamentos estariam relacionados a esse ser mítico e, portanto, seria necessário ter uma Carranca pra espantar esse ser para longe. Para os que acreditam nesses seres, os acontecimentos não se dão por causas naturais, mas sobrenaturais. Essa é uma forma de explicar as tragédias da vida.

O remeiro, personagem do livro “A dama do Velho Chico”, do autor Carlos Barbosa, fala do mito:

Não era nego-d'água, a mocinha pudesse ficar sossegada. E se fosse, na barca tinha cachaça e muito fumo de rolo e o danado logo iria embora satisfeito, pois seria com prazer que os forneceria ao moleque do rio. Talvez nem precisassem disso, pois a barça tinha uma figura de proa magnífica, feita por Francisco Guarany, de Santa Maria da Vitória. Um leão de barca grandioso o suficiente para assustar qualquer Nego-D'Água (BARBOSA, 2002 *apud* NEVES, 2001, p. 202).

No romance “Maleita”, o autor menciona a presença do Caboclo d'Água: “com as suas tropelias dentro do rio, as canoas viradas, os remeiros afogados nos redemoinhos imprevistos” (CARDOSO, s/d, p. 116 *apud* NEVES, 2003, p. 203). Outras narrações levam a crer que o Caboclo d'Água era um ser que praticava o bem, uma espécie de Curupira, um guardião. Os seres míticos povoavam o imaginário dos remeiros e dos ribeirinhos em geral, como:

A Mãe d'Água, o Cavalo d'Água, o Cachorrinho d'Água... Mas havia também os mitos da zona rural: o Romãozinho, o Pé-de-Garrafa etc. A lenda da Cobra-de-Asas, contada e recontada pelos romeiros de Bom Jesus da Lapa (BA), é urbana, mas amplamente difundida na região. Outros mitos presentes na tradição oral dos ribeirinhos não eram específicos do Médio São Francisco: o Lobisomem, a Mula-Sem-Cabeça (CARDOSO, 2005 *apud* NEVES, 2003, p. 203-204).

Como proteção popular aos duendes do rio,

No imaginário popular, as figuras de proa eram a garantia das barcas contra os duendes do rio. Esculpidas com bocarras escancaradas e olhos esbugalhados, serviam para afugentar o *Nego d'Água*. O senhor Francisco Biquiba Guarany, mencionado pelo autor, não é personagem de ficção; foi o maior carranqueiro do rio São Francisco. Na atualidade, suas figuras de proa e Carrancas são valiosas peças de museu, sendo consideradas preciosidades da arte popular brasileira (NEVES, 2003, p. 202-203).

Falar da Carranca é também revelar os costumes dos ribeirinhos sanfranciscanos, como se comportavam as pessoas que ali viviam em comunhão com a escultura. O Paulo Pardal registrou o comportamento dos ribeirinhos que viviam nessas embarcações. No seu livro “Carranca do São Francisco”, aborda que, quando as embarcações chegavam, era de costume saudar as pessoas à margem, as quais apreciavam o barulho. O autor se refere aos homens dessa região como sendo anfíbios, a canoa é o seu cavalo, e trata dos costumes desde o comportamento até os hábitos alimentares, relatando que comiam com voracidade para aguentar a longa

viagem. Comiam com abundância: carne seca, feijão, toucinho, farinha e raspadura com bastante água e farinha.

Cada embarcação leva consigo uma buzina de chifre, concha grande marítima ou feita de Flandres, não só pra anunciar a chegada quanto se aproximam de qualquer porto, mas também para cumprimentarem entre si na ocasião de encontro, sendo estabelecido e observado com todo o rigor certa superioridade, de sorte que as canoas e ajoujos devem salvar as barcas, porém estas soberbamente passam por elas e não respondem; as barcas entre si se salvam reciprocamente, bem como as canoas e ajoujos entre si observam a mesma cerimônia; enfim, é uma algazarra que os barqueiros acham muito agradável (PARDAL, 1981, p. 52).

Segundo Araújo (1998, p. 20), “o folclore é a maneira de ser mais profunda de uma gente”. Existe na cultura brasileira uma diversidade de seres fantásticos – com histórias maravilhosas e poderes mágicos – seres tão fascinantes quanto as fadas, duendes, magos, bruxas, dragões e elfos das culturas de outros países. A diferença é a pouca atenção que se tem dado aos representantes da nossa cultura, deixando que desapareçam no tempo tantas histórias que fazem parte do imaginário de muitas pessoas. Existem muitas lendas e mitos em torno do Velho Chico. Os contadores de “causos” enriquece e floream, perpetuando as histórias contadas sobre: O Caboclo D’água, Mãe D’água, Minhocão, cangaceiros, Carrancas, procissões, costumes, comidas típicas, etc.

**Figura 1:** Caboclo D’Água<sup>3</sup>



---

<sup>3</sup> Escultura do Caboclo D’Água, do artista Ledo Ivo, uma das atrações turísticas de Juazeiro da Bahia.

Fonte: Rosélia Sampaio de Miranda.

O filme “Espelho D’água” foi de muita utilidade, servindo para catalogar alguns personagens e também reproduzir a realidade dos barqueiros: os perigos enfrentados por eles, a vida simples dos pescadores, das lavadeiras e os problemas ecológicos. Misturada a tudo isso, uma fé representada por grandes festas populares religiosas, romarias, fiéis que dormem na Igreja com a Santa ou a celebração com cabaças iluminadas, as promessas feitas ao Bom Jesus da Lapa: tudo isso foi recriado em uma trama ficcional para lembrar tradições que se perderam ao longo do tempo.

O longa dirigido por Marcus Vinicius Cesar é um mergulho no imaginário dos povos ribeirinhos de todo o rio São Francisco: um percurso emocionante retratado pela paisagem e pela história de águas encantadas, mas também ameaçadas por vários tipos de perigos. Observamos alguns seres citados no longa, os quais estão estiveram direta ou indiretamente ligados à influência da Carranca como proteção. Alguns merecem destaque, a exemplo do “Bicho D’Água”, tão bem retratado no filme “Espelho D’água”, no momento em que o menino mergulha no rio e, ao retornar, estabelece um diálogo com o senhor Abel:

- Era dos preto, ele tem um zóio puxado e cabeça pelada.
- Ainda bem que tu não viu dos verimelho, que é danado. Tu deu fumo a ele? Tem sempre que ter um fumo pra dá pra eles, dando um fumo é quando eles ficam amigo. <sup>4</sup>

Os remeiros acreditavam que se dessem fumo de rolo (fumo de corda) espantavam a entidade para longe e manteriam uma relação amistosa com o ser. Essa dádiva era necessária para aplacar sua ira ou para ser merecedor de sua proteção nas atividades de pesca. Outro momento que merece destaque no filme é a voz da canoa, de forte carga simbólica, que funciona como a consciência do rio e que mantém viva a sua história. Chamada de “Sidó”, a canoa estabelece um diálogo com o seu dono, o remeiro Abel. Nessa história fantasiosa de uma canoa falando com o seu dono – muito típica dos contadores de “causos” e pessoas que dizem conversar com seres inanimados –, pode-se perceber a relação do homem com a sua embarcação: o remeiro mantém um elo muito forte com a canoa, considerando-a como um membro da família. Pode-se fazer uma analogia com as Carrancas, pois algumas pessoas a cultuavam e a viam como um ser com o qual dialogavam. As figuras das Carrancas eram respeitadas como se tivessem alma, do mesmo modo que o Sr. Abel mantinha uma relação com a canoa.

---

<sup>4</sup> Transcrição de trecho do filme “Espelho D’água”.

O Caboclo D'Água é outro ser folclórico, que faz parte de uma história contada e passada por gerações. Lamenta-se que esses seres que habitam o rio estejam esquecidos, alguns até já morreram, não habitam mais o rio. O Caboclo D'Água funciona como um duende, sempre protegendo os animais e a natureza; logo, sendo um protetor do rio, tipo um Curupira:

Criatura fantástica que vive no rio São Francisco, tendo o domínio sobre as águas e os peixes. Favorece tudo aos amigos, compadres do caboclo-d'água, e persegue ferozmente aos pescadores e dos barranqueiros, com que antipatiza, virando canoas, erguendo ondas, derrubando as barreiras, afugentando pescarias (CASCUDO, 1984, p. 165).

Testemunhas da força mítica da natureza, as figuras que habitam o rio representam a força dos remeiros e dos ribeirinhos. Estes grupos transmitem para seus filhos e netos a história contada e, assim, mantêm viva a tradição de algumas das entidades que habitam o fundo das águas.

Outra entidade citada por Cascudo (1984, p. 465) seria o Minhocão:

Serpente gigantesca, fluvial e subterrânea, vivendo no rio São Francisco. Escavava grutas nas barrancas, naufragava as barcas, assombra pescadores e viajantes. É a réplica da boiúna, sem as adaptações transformistas em navio. Depoimentos dos barqueiros do São Francisco, em fins do séc. XIX: "É um bicho enorme, preto, meio peixe, meio serpente, que sobe e desce este rio em horas, perseguindo as pessoas e as embarcações; basta uma rabanada para mandar ao fundo uma barca como esta nossa. Às vezes toma a forma de um surubim, de um tamanho que nunca se viu; outras, também se diz, vira um pássaro grande, branco, com pescoço fino comprido, que nem uma minhoca; e talvez por isso é que se chama de minhocão".

A Carranca é uma tradição do vale do São Francisco. Sua perpetuação está envolvida no tempo do viver social, no imaginário dos povos ribeirinhos, na história, nas lembranças, nas permanências e nas manifestações culturais que tornam a escultura mais significativa.

A Carranca está em consonância com o imaginário dos povos sanfranciscanos direta ou indiretamente e se revela através dos instrumentos que expressam a cultura do povo ribeirinho. A imagem se faz tão presente na vida do povo, que essa escultura flui naturalmente do imaginário dos povos ribeirinhos para ser representada em vários formatos e releituras, como: souvenirs, orelhões, na música, na cantoria, na poesia, no conto, no caso, na lenda, no mito, no cordel, nos ritos dos folguedos, etc. Essa

escultura vive em cumplicidade com as emoções e costumes dos povos ribeirinhos, inclusive no seu modo de se comunicar.

### **3 O sincretismo da Carranca**

A aparência estética da Carranca é dotada de diversidade. Diante da apreciação da escultura, observamos que a peça não se limita apenas ao visual, mas perpassa pelo imaginário cheio de impressões e significados. É nessa diversidade que o sincretismo se apresenta. A fruição da imagem é despertada pela dualidade: quando se olha para ela, despertam-se sentimentos, como: o bem ou o mal, o belo e o feio, uma imagem de proteção ou o mal em si. Esse sentimento de comportamento diverso tem características bem barrocas, e é neste ponto que nos debruçamos sobre o sincretismo na imagem da Carranca:

Seu poder simbólico, arraigado na visão do ribeirinho, espantava não só os monstros e perigos da navegação pelo rio, como agora, protege também casas e jardins, sincretizado como uma espécie de Exu doméstico. Daí porque, quanto mais feia, mais poderosa ela é, daí sua oscilação entre o artístico e o comércio em larga escala (MOREIRA, 2016, p. 01).

A figura de proa aportou em terra firme. Uma imagem cheia de mistérios e fantasias, sonhos e pesadelos de pessoas crédulas, que têm medo dos "monstros" que assolam as águas, acontecimento comum nas grandes navegações. Este fato histórico e cultural, originalmente brasileiro, uma criação nossa, é tema para compreendermos nossa origem, influências e superstições. Algumas pessoas associam-na à "magia negra", ao próprio demônio personificado, atribuem conotações preconceituosas e equivocadas quanto à escultura, ocultando a sua verdadeira mitologia:

Os olhos da Carranca, grandes, conotam a noção de que tudo a Carranca vê, não apenas o mundo concreto, físico, mas principalmente o invisível, o espiritual e mágico, o mundo dos espíritos (LUNA, 2007, p. 01).

Na proa das embarcações, a Carranca foi encarada como escultura de proteção dos navegantes, caracterizada pelos seus grandes dentes e olhos, com feições agressivas que, acreditava-se, afugentavam os maus espíritos e abriam caminhos nas

águas do “Velho Chico”, espantando assim as coisas ruins e protegendo os barqueiros de todo mal. Os místicos a interpretam como um amuleto, conotando-a com o caráter protetor, comparando a uma figa ou crucifixo, onde depositam sua fé. Pessoas comuns levam a Carranca para seus lares, colocando-a na porta da entrada da casa, acreditando que a escultura absorverá todas as energias, pensamentos e fluidos negativos, mantendo dessa forma a residência livre de todo mal e de toda impureza que possa vim a contaminar o lar. Assim, Carranca acaba sendo muito utilizada como peça decorativa para o canto da sala, escritório e comércio.

As esculturas colocadas na ponta da proa objetivavam abrir o caminho, pedir passagem e proteção para seguir viagem. Posteriormente, receberam conotação de valor religioso no campo das artes. Obviamente, existem essas duas atribuições, porém o artístico veio primeiro, com o objetivo de enfeitar a embarcação; a partir daí, o povo agregou valores religiosos e culturais e se utilizou desse meio como forma de enfrentar as “lamúrias” da vida, como o povo da região tem o costume de falar, no sentido de sofrimento:

O cristianismo deu o sentido de proteção, os elementos afro e ameríndio os aspectos estéticos e formais da Carranca, como concretizações de figuras de espíritos malignos dominados pelo sentido cristão e postos a serviço da exploração das águas do rio (LUNA, 2007, p. 01).

“O Caboclo d’Água era quem fazia a remessa do dinheiro ao Bom Jesus da Lapa” (NEVES, 2003, p. 201). Ressaltamos aqui a interseção entre o catolicismo popular e a crença num dos seres míticos do rio. O ribeirinho, devoto fervoroso do santo, facilitava a chegada da cabaça à gruta sagrada, desviando de obstáculos, e não tocava e nem pegava. O remeiro recolhia e entregava a promessa ao Santuário. Se alguém violasse o dom oferecido ao santo era punido, como nos conta Pai Tonho, personagem do conto “Barca Fantasma” (NEVES, 2003 apud OLIVEIRA, 1931, p. 41):

Ah!... meus amigo! Deus não demora a castigá os pecado dos home! Eles ia passano por aqui bem no dia do Padroêro, quando caiu um temporá em riba deles terrive e o machado de um raio decepou a barca em não sei quantos pedaço, e não ficou um home vivo pra contá a históra, por causo qui os qui o fogo do céu não queixou, minhocão comeu! (sic.)

Neste sincretismo da escultura, uma arte sagrada ou profana, de pura significação expressionista, vista com “bons e maus olhos”, a Carranca é uma imagem protetora para uns e uma imagem aterrorizante para outros. Ao contrário da realidade convencional das Carrancas, as imagens religiosas se apresentam em sua estética

com características amigáveis. Na religião católica, existem vários santos de proteção; e ao se fazer uma analogia entre essas imagens e as Carrancas, observamos que ambas têm a mesma função, ou seja, proteger; porém, com aspecto diferente. Enquanto temos as Carrancas de fisionomias pavorosas, têm os santos católicos, figuras de proteção religiosa utilizadas na náutica, imagens amistosas.

Em Salvador, fiéis e simpatizantes com barcos, lanchas, saveiros e escunas pelo mar da Baía de Todos os Santos festejam o Bom Jesus dos Navegantes, seguindo em romaria. O Rio São Francisco segue a mesma fé: em quase toda a sua extensão tem um padroeiro dos navegantes, a exemplo de São Francisco do Conde, na Bahia, que tem Santo Antonio dos Navegantes como protetor das embarcações. Em Penedo, Alagoas, comemora-se a Festa do Bom Jesus dos Navegantes; em Propriá, Sergipe, recebe o mesmo título; em Juazeiro, Bahia, uma procissão fluvial no primeiro dia do ano, às dezesseis horas, também festeja o Bom Jesus dos Navegantes para pedir proteção para o ano todo.

A semelhança do sincretismo católico, das festas populares e religiosas, como já foi citado o Bom Jesus dos Navegantes, com a Carranca é bem sutil; mas, mesmo assim, há que se considerar que ambas têm a mesma simbiose cultural, ou seja, uma festa que envolve o profano e o sagrado. Em relação à Carranca, a questão é mais introspectiva: ao olhar para a escultura, ela é associada às coisas ruins, como o “demônio”, e o sentimento de fé que move as embarcações e seus barqueiros dá essa ideia sincrética de ser. O mesmo sincretismo não se limitou ao rio, indo parar nas casas: o sentimento de repulsa de uns, unido aos sentimentos de outros que acreditam na sua proteção.

É bem característico do nordestino, e em particular do baiano, esse tratamento sincrético como, por exemplo: alguns barqueiros têm como religião o catolicismo, mas colocam em sua embarcação uma peça que recebe atribuições demoníacas, o mal para combater o bem, a navegar pelo rio de Francisco de Assis. Isso parece contraditório, porém não interfere em nada na crença dos ribeirinhos, no rio ou em casa: a Carranca continua sendo o seu amuleto de fé, aliada à crença em um santo e em Deus.

Cruzamento de influências cristãs portuguesas, notadamente do âmbito dos navegadores e exploradores transposto para o cenário da colonização do sertão, misturados ao imaginário africano e ameríndio. O cristianismo deu o sentido de proteção, os elementos afro e ameríndio os aspectos estéticos e formais da Carranca, como concretizações de figuras de espíritos malignos dominados pelo

sentido cristão e postos a serviço da exploração das águas do rio (LUNA, 2007, p. 01).

É comum os homens ribeirinhos conversarem com os seres inanimados, como se eles tivessem vida própria, do mesmo modo que Sr. Abel conversava com a sua companheira “Sidó”. Notadamente, em “A Dama do Barro”, Ana das Carrancas conversa com o espírito do rio e do barro:

Ao encontrar o barro prometido pela fé, ela se ajoelhou às margens do rio e disse: “Olha, Velho Chico, no papai barro e na mamãe terra, quero essa graça que tu me dás , quero trabalho para sobreviver” (ANDRADE, 2006, p. 38).

Ana das Carrancas também tinha características bem sincréticas: era uma mulher religiosa, que se dizia Católica Apostólica Romana, e produzia uma arte à qual eram atribuídos significados diabólicos. Mas a artesã sempre deixou clara a sua fé:

“Só meu Pai é quem me dá essa inspiração. Na hora de criar, eu tenho por obrigação me benzer e pedir: Jesus, cobre-me com teu sangue, me leva e dá aquilo que eu preciso para a minha sobrevivência. Divino Espírito Santo, que és o dom da minha vida, me inspira, me dá força para eu trabalhar” diz ela, que recebeu educação religiosa na Igreja Católica Romana (ANDRADE, 2006, p. 49).

Devota dos santos e do menino Jesus, sempre entregava seus pedidos de dias melhores para que eles lhe proporcionassem um lugar digno pra trabalhar e sustentar a sua família. Sua relação com o rio é forte, pois acreditava na influência do São Francisco com o rio. Assim que chegou a Petrolina, “pediu a São Francisco das Chagas e a Padre Cícero que mostrassem uma forma de descobrir o sustento do marido e das filhas para o resto da vida” (ANDRADE, 2006, p. 35).

#### **4 Conclusão**

Os traços das Carrancas podem parecer grotescos para algumas pessoas; mas, diante delas, não haverá quem não as observem. Seus desenhos expressivos resultam da autenticidade e do rico mundo interior dos carranqueiros sanfranciscanos que, consciente ou inconscientemente, incorporaram em suas obras algumas características que se atribuíam aos seres fantásticos que habitavam o fundo do rio. São artistas autodidatas, desvinculados das tendências e estilos que orientam a

cultura artística, espontâneos, que procuram o próprio meio de expressão, a originalidade incomparavelmente superior às demais realizações artísticas de nosso povo.

A Carranca é uma arte genuinamente brasileira, de características próprias que surgiu da inspiração e criatividade dos artistas ribeirinhos do Rio São Francisco, importante na valorização da nossa cultura. Os artesãos utilizavam instrumentos rudimentares e, dotados de muita habilidade, aplicavam as suas técnicas. Alguns artistas produziram Carrancas de madeira, outros se dedicaram à confecção das Carrancas de barro. O conhecimento deles era passado de geração para geração, por isso são considerados autodidatas, de sabedoria própria, e dotados de grande entendimento quanto à arte de esculpir e modelar.

Esta arte primitiva ribeirinha se expressa com bastante vigor, riqueza e diversidade através do artesanato – arte popular e intuitiva, que reflete o modo de vida do artesão, valores e visão de mundo. O artesanato de tradição é uma habilidade compartilhada por grupos sociais específicos, geralmente de baixo poder econômico, que transmitem de geração a geração uma técnica e um repertório determinado. Alguns artesãos são chamados de mestres e são estes que repassam o seu saber aos mais jovens, os aprendizes.

A peça escultórica tem finalidade comercial, decorativa, ornamental e mística. Com o tempo, perdeu um pouco a emoção saudosista dos contadores de histórias relacionadas à escultura. Quando a Carranca foi ressignificada, como diz o poeta Carlos Drummond, “largaram suas proas e vieram para um banco da Rua do Ouvidor” (MAMMI, 2015, p. 177), um novo habitat. Virou escultura sob um teto, perdeu o corpo, ou seja, o barco. Consagrou-se como escultura cheia de simbologia e significado, tornando-se um objeto de dentro de casa, o que lhe garante a sobrevivência como escultura artística, antropológica, mística, imagética, simbólica, etc.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Emanuel. **Ana das Carrancas: A Dama do Barro**. Petrolina – PE: Gráfica e Editora Franciscana, 2006.

ARAÚJO, Nelson de. **Folclore e política: seguido de uma bibliografia da cultura popular Baiana**. Salvador, Universidade Federal da Bahia/Ianamá, 1988.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 5ª edição. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1984.

**ESPELHO D'água**: Uma Viagem no Rio São Francisco. Direção: Marcus Vinicius Cesar. Produção: Carla Camurati. Europa filmes, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Edson Dias. Desenho conhecimento: em direção à construção de sua epistemologia. In: PACHECO, Lílian Miranda Bastos; TRINCHÃO, Gláucia (organizadoras). **Tempo, cultura, linguagem**: reflexões sobre área do conhecimento do desenho e algumas implicações. Salvador: EDUFBA, 2017.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 1998.

LUNA, Jairo Nogueira. Por Uma Mitologia das Carrancas do Vale do São Francisco. Publicado no **Recanto das Letras** em 28/05/2007. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/504113>. Acesso em: 30 set. 2019.

MAMMI, Lorenzo (org.) **A viagem das Carrancas**. São Paulo: coedição WMF Martins Fontes, Instituto do Imaginário Brasileiro do Instituto Moreira Salles, 2015.

MOREIRA, Elisabet G. **Carrancas do Sertão**: Signos de ontem e de hoje. **Cultura Crítica**. 09/10/2016. Disponível em: <http://www.culturacritica.cc/2016/10/carrancas-do-sertao-signos-de-ontem-e-de-hoje/?lang=pt-br>. Acessado em: 29 set. 2019.

NEVES, Zanoni. Os remeiros do São Francisco na literatura. **Revista de Antropologia**. [online]. 2003, vol.46, n.1, pp. 155-210. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012003000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012003000100004). Acesso em: 10 out. 2019.

PARDAL, Paulo. **Carrancas do São Francisco**. 2 ed. Rio de Janeiro: Serviços de Documento Geral da Marinha, 1981.

**S.O.S. São Francisco** – Velho Chico, hoje quase um lamento. Disponível em: <http://www.agrisustentavel.com/doc/francisco.htm>. Acesso em: 07 out. 2019.

VALLADARES, Clarival do Prado; PARDAL, Paulo. **Guarany**: 80 anos de Carrancas. Rio de Janeiro: Editora Berlindis e Vertecchia., 1981.